

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UNB

CFORM/ MEC/ SEEDF

**LEITURA E ESCRITA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE SOBRE AS PRÁTICAS DE  
LETRAMENTO NAS TURMAS DE 6º ANO**

**ALUNA:** ANA MARIA PEIXOTO LIMA

Brasília-DF, novembro de 2015

Ana Maria Peixoto Lima

**LEITURA E ESCRITA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE SOBRE AS PRÁTICAS DE  
LETRAMENTO NAS TURMAS DE 6º ANO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais (6ª a 9ª anos) como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Letramentos e Práticas Interdisciplinares.

Orientador: Prof. Dr. Harrison da Rocha

Brasília/DF, novembro, 2015

**LEITURA E ESCRITA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE SOBRE AS PRÁTICAS DE  
LETRAMENTO NAS TURMAS DE 6º ANO**

Ana Maria Peixoto Lima

Projeto aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015

Banca examinadora:

1º membro: (orientador) \_\_\_\_\_

2º membro: \_\_\_\_\_

3º membro (suplente) \_\_\_\_\_

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meu filho Davi, razão pela qual aprendi a ver e acreditar que sempre vale a pena.

## AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio e paciência.

Ao meu orientador Harrison da Rocha, que foi meu professor durante a graduação em Letras e que, após tantos anos, nas voltas que o mundo dá, reencontrei agora neste curso de especialização contribuindo, mais uma vez, para o meu crescimento profissional e intelectual.

A todos que participaram e ajudaram, de forma direta ou indireta, sem os quais não seria possível a realização deste trabalho.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>1. CONTEXTUALIZAÇÃO: APRESENTANDO O PROBLEMA.....</b>	<b>11</b>
<b>2. LEITURA, ESCRITA E LETRAMENTO.....</b>	<b>16</b>
<b>3. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>20</b>
3.1. Lócus da pesquisa.....	21
3.2. Sujeitos da pesquisa.....	21
3.3. Entrevista semiestruturada.....	22
<b>4. A ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>24</b>
4.1. Os sujeitos da pesquisa e o contexto.....	24
4.2 Análise dos dados .....	26
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>37</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>39</b>

## RESUMO

Atualmente há uma grande necessidade de se desenvolverem habilidades de leitura e de escrita para o melhor desempenho dos alunos nas práticas sociais. Percebe-se, no entanto, um abismo entre as práticas de leitura e de escrita trabalhadas na escola e seu efetivo uso na sociedade. Neste contexto, ensinar a ler e a escrever deve ser uma das principais funções da escola, porém o ensino ainda está preso a propostas metodológicas tradicionais, em que o professor é personagem principal e fonte única do discurso, sem dar ao aluno a oportunidade de assumir uma postura mais ativa em sala de aula. Desse modo, o objetivo desta pesquisa é compreender o desenvolvimento do processo de aprendizagem da leitura e da escrita nas turmas do 6º ano do ensino fundamental em um contexto de ensino (não) voltado para as práticas de letramento. A base teórica é constituída principalmente por: Magda Soares (2012), Ângela B. Kleiman (2012), Sírío Possenti (2012), Marcos Bagno (2002), Delia Lerner (2002), Stella Maris Bortoni-Ricardo (2012), dentre outros. A metodologia aplicada é o método qualitativo por fazer um levantamento de dados que se presta mais às pesquisas sociais. O instrumento de pesquisa será a entrevista semiestruturada aplicada tanto à professora como às famílias dos alunos. Espera-se que este trabalho possa contribuir para que o tema letramento seja contemplado ainda mais nas ações dos docentes na sala de aula, contribuindo, assim, para o sucesso escolar e social dos estudantes.

**Palavras-chave:** Escola, escrita, ensino, leitura, família, práticas de letramento.

## INTRODUÇÃO

Como professora regente de língua portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental (6º a 9º ano), observo boa parte dos meus alunos com dificuldades em ler e escrever de forma eficaz. Ao lado disso, percebo muitos professores que também não se sentem ou não estão preparados para desenvolver nos alunos a disposição necessária para o pleno uso da leitura e da escrita.

Isto significa dizer que, embora estas habilidades já sejam trabalhadas desde os anos iniciais da vida escolar, deparamo-nos com um número cada vez maior de estudantes incapazes de ler, entender e escrever textos, até mesmo os mais simples, de forma significativa. Mesmo sendo tarefa precípua da escola, esta não tem conseguido fazer de todos os alunos membros plenos da comunidade de leitores e escritores.

Sabemos o quanto é importante para os alunos adquirirem, cada vez mais, autonomia na produção do conhecimento, visto que ao se instruírem, participam efetivamente da sociedade. Por isso concordo com Lerner (2002, p.18) quando coloca:

O necessário é fazer da escola um âmbito onde leitura sejam práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidades que é necessário assumir.

Ou seja, o sujeito que sabe ler e escrever com proficiência tem mais condições de se desenvolver intelectualmente e de desempenhar a contento o papel que lhe cabe na sociedade em que está inserido. Isto exige da instituição escolar estimular a leitura e a escrita como práticas inseridas em um contexto social.

Por outro lado, também requer por parte do professor base teórica consistente, formação constante, além de disposição para trabalhar de maneira versátil e sistemática, enfim, a responsabilidade de desenvolver nos educandos aptidões a fim de ajudá-los a lidar com os mais diversos gêneros de textos, sobre diferentes assuntos.



Sendo a finalidade educacional aperfeiçoar a competência leitora e escritora, é imprescindível oferecer condições necessárias para assim não correr o risco de proporcionar uma prática pedagógica ineficaz. Entretanto, muito pouco ainda se vê, de fato, nas atividades aplicadas, que reconheçam e tratem o aluno como participante ativo em sala de aula. O ensino permanece preso a propostas metodológicas pautadas por uma grade curricular tradicional, na qual o professor é constituído como personagem principal e fonte única do discurso.

O desenvolvimento da linguagem, em um processo de interação entre os sujeitos, significa levar o aluno a ser, sobretudo, um usuário consciente de que cada habilidade linguística tem um espaço específico de uso. Nesse sentido, vemos o letramento como contribuição para o desenvolvimento pleno do educando, criando condições para compreender a necessidade da leitura e da escrita e seus usos nas diversas esferas sociais e aquisição de uma consciência crítica.

O letramento, mais do que simplesmente decifrar códigos, envolve as práticas sociais de leitura e escrita e os valores atribuídos a essas práticas, com as diferentes funções que a leitura e escrita desempenham na nossa vida. Para Kleiman (2012, p.4), “os estudos do letramento, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem.”

A partir dessas reflexões surgiram os questionamentos que conduziram a esta pesquisa: Por que os alunos dos anos finais do ensino fundamental ainda têm dificuldades em leitura e escrita? De que maneira as práticas de letramento, na família e na escola, contribuiriam efetivamente para o pleno desenvolvimento na leitura, interpretação e produção de texto nas turmas dos anos finais desde o 6º ano do ensino fundamental? Que papel o professor e a família exercem ou necessitam exercer junto às práticas de leitura e escrita de modo a favorecer o bom desempenho do aluno no processo de ensino aprendizagem para torná-lo um leitor e escritor competente.

Nessa perspectiva, este trabalho pretenderá compreender o processo de aprendizagem da leitura e da escrita dentro de um contexto de ensino que não está voltado para as práticas de letramento e, para isso, irá analisar fatores que interferem no desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos. Do mesmo modo será avaliada a contribuição que as práticas de letramento podem exercer para

transformar os alunos do 6º ano do ensino fundamental em leitores e escritores competentes analisando o papel dos sujeitos professor-aluno-família, envolvidos no processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita.

Os pressupostos teóricos a fundamentarem este trabalho estão respaldados pelas autoras Magda Soares (2012) e Angela B. Kleiman (2012) a respeito do letramento e suas práticas; mais os estudos sobre o ensino de língua portuguesa de Marcos Bagno (2002), Irandé Antunes (2003), João Wanderley Geraldi (2002), Sírío Possenti (2012), dentre outros, por considerarem que ler e escrever só faz sentido quando estão vinculados a eventos autênticos, existentes em situações verdadeiras.

Para que este estudo não decorra em um simples ato descritivo existe a necessidade de reconhecer as situações na qual está envolvido. Assim, ao considerar os objetivos deste foi necessária a busca por um caminho metodológico que proporcionasse a apreciação das falas dos alunos, seus familiares e da professora, articulados juntos com contexto social onde estão inseridos estes sujeitos.

Devido à natureza desta pesquisa, far-se-á necessária uma abordagem de caráter qualitativo, visando fazer um levantamento de dados de forma flexível e sensível ao contexto social – a escola e a família. A motivação e o interesse estão fundamentados na busca por resultados que só acontecem por meio da análise organizada e minuciosamente elaborada.

Por esse motivo, o trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo serão apresentados os problemas de leitura e de escrita provenientes de um ensino descontextualizado, que não prepara o aluno para a prática de leitura e de escrita em sociedade e que se fixa no ensino tradicional calcado apenas na gramática tradicional.

No segundo capítulo será contemplado o tema que aborda leitura, escrita e letramento. O caminho metodológico percorrido e os instrumentos utilizados para a coleta dos dados a serem analisados durante o desenvolvimento desta pesquisa serão tratados no terceiro capítulo.

A contextualização dos sujeitos e a análise dos dados que envolvem as práticas de letramento serão colocadas no quarto capítulo. As informações foram

obtidas a partir das respostas dadas pela professora de língua portuguesa assim como dos pais e/ou responsáveis dos alunos da turma escolhida, recebidas por meio dos questionários entregues a eles, os quais permitirão uma melhor compreensão das práticas de leitura e escrita envolvidas tanto no ambiente escolar quanto familiar dos alunos.

E, finalmente, nas considerações finais, serão apresentadas algumas percepções adquiridas a partir do tema estudado abrangendo as práticas de leitura e escrita bem como o letramento. Também serão sugeridas ações a partir dos pontos investigados.

## 1 CONTEXTUALIZAÇÃO: APRESENTANDO O PROBLEMA

Atualmente há uma grande necessidade de se desenvolverem habilidades de leitura e de escrita para o melhor desempenho das práticas sociais existentes na sociedade sendo uma das tarefas da escola possibilitar o uso dessas competências de maneira que possam estabelecer condições para que o aluno se torne um leitor crítico e um produtor de textos competente e autônomo. Conforme Soares (2012, p.6)

É obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária: a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição: a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real.

A escola, no entanto, não consegue cumprir com um dos seus principais objetivos que é o de levar os alunos a lerem e escreverem com eficiência. Existem aqueles que só escrevem e não leem o que produziram; há outros que podem ler, mas não conseguem escrever ou interpretar o que leem. Notadamente o ensino da língua portuguesa, ainda preso a propostas metodológicas e curriculares tradicionais e ultrapassadas.

Percebemos, desse modo, um abismo entre as práticas de leitura e de escrita trabalhadas na escola e seu efetivo uso na sociedade. O processo de ensino-aprendizagem é configurado como um mundo à parte da realidade e os alunos são impelidos à apropriação de atividades a que se atribuem pouco ou nenhum significado, não sendo preparados adequadamente para utilização de práticas condizentes aos contextos sociais nos quais estão ou podem ser inseridos.

Para Travaglia (2009, p.101) há uma ausência quase total de atividades de produção e compreensão de textos. Observa-se também uma concentração muito grande no uso de metalinguagem no ensino de gramática teórica para a identificação e classificação de categorias e funções dos elementos linguísticos, o que caracterizaria um ensino descritivo. A maior parte do tempo das aulas é gasta no aprendizado e utilização dessa metalinguagem, o que não avança, pois, ano após ano, se insiste na repetição dos mesmos tópicos gramaticais.

O papel da escola, entre outros, é o de proporcionar aos alunos a possibilidade de circular entre as práticas sociais com a leitura e a escrita articulando as questões trazidas da realidade familiar e as suas possíveis articulações no universo escolar, conforme consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998, pág. 30), nos quais é afirmado que cabe à escola “viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los.”

Mesmo assim, vemos poucas mudanças na situação do ensino de língua portuguesa nos últimos anos e em grande parte das escolas. A propósito, Travaglia (2009, p.106) entende que:

Embora reconheça problemas básicos no fato de se gastar 80% do tempo das aulas com o ensino de teoria gramatical, o professor não consegue mudar fundamentalmente de atitude e passar a fazer um ensino diferente daquele que tem desenvolvido desde há muito em nossas escolas.

Durante muito tempo a escola tem ensinado a leitura e a escrita por meio de frases descontextualizadas, de textos que não existem fora da escola. Assim, não se pode esperar a formação de indivíduos letrados, se o que a escola ensina está totalmente dissociado da realidade social do aluno.

Por conseguinte, o desafio da escola, hoje, é o de tornar os alunos leitores e escritores plenos e competentes. Conforme aponta Lerner (2005, p.27)

O desafio é formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam “decifrar” o sistema de escrita. É – já o disse – formar leitores que saberão escolher o material escrito adequado para buscar a solução de problemas que devem enfrentar e não alunos capazes apenas de oralizar um texto selecionado por outro. É formar seres humanos críticos, capazes de ler nas entrelinhas e de assumir uma posição própria frente a mantida, explícita ou implicitamente, pelos autores do texto com os quais interagem, em vez de persistir em formar indivíduos dependentes da letra do texto e da autoridade de outros.

Muito ainda precisa ser feito em relação à aquisição das habilidades de leitura e de escrita por parte do aluno, muito pouco ainda se vê, de fato, nas atividades aplicadas na escola, ainda fundadas no ensino e no uso de normas da

gramática tradicional, que priorizam exercícios de memorização, de nomenclaturas e de classificações de análise sintática.

Quase não vemos atividades de leitura e escrita que privilegiem o uso social do idioma. Conforme pontua Bagno (2002, p.52)

O ensino tradicional tem se limitado a ensinar a escrita e a leitura às crianças para, uma vez (mal) alfabetizadas, começar o processo doloroso (para o aluno e o professor) de inculcação mecânica da nomenclatura gramatical tradicional, acompanhado dos áridos exercícios de classificação morfológica e análise sintática por meio de frases descontextualizadas, artificiais, banais, quando não francamente ridículas e/ou incongruentes.

A escola tem a função de proporcionar um ensino no qual o estudante tenha a possibilidade de utilizar os conhecimentos adquiridos em suas práticas sociais. Para isso, é necessário romper com o tradicionalismo e com os precários métodos de ensino. É preciso que a leitura e a escrita na escola também cumpram uma função social.

Uma importante observação também é feita por Antunes (2003, p.110) acerca da metodologia de ensino de língua portuguesa nas escolas. Para a autora, “se o texto é o objeto de estudo [...] o texto é que vai conduzindo nossa análise e em função dele é que vamos recorrendo às determinações gramaticais.” Ou seja, o texto deveria ser estudado “sempre em função do todo”, a partir de e em função dele vamos conduzindo a análise e a compreensão de forma ampla desenvolvendo os saberes gramaticais e lexicais imprescindíveis para o entendimento do texto.

Quer dizer, o fim deveria ser o de ampliar a competência do aluno para o exercício cada vez mais pleno e fluente da leitura e da escrita e é neste sentido que seria definido o conteúdo em torno do qual professor e aluno realizariam as atividades de ensino e aprendizagem.

Desse modo, concordamos com Travaglia (2009, p.19) ao colocar que o objetivo de ensino de leitura e escrita é desenvolver a capacidade de produzir, ler e compreender textos nas mais diversas situações de comunicação, então, deve-se propiciar o contato e o trabalho do aluno com textos utilizados em situações de interação comunicativa as mais variadas possíveis.

Entretanto vemos que o texto serve somente como apoio para retirar exemplos ou exercícios gramaticais e isso tende a restringir as possibilidades de construção e compreensão dos sentidos do texto lido e/ou produzido pelo educando deixando de ser o que deveria, ou seja, o próprio objeto de estudo.

Mesmo com o aparecimento e a divulgação de novas concepções teóricas referentes ao ensino da língua materna, ainda impera na prática uma visão tradicionalista de educação pautada na imagem central do professor como único conhecedor do conteúdo e do aluno visto como o sujeito, repositório de conhecimentos, que deve estar passivo para receber informação.

É extremamente importante que a escola, como principal agente de letramento, trabalhe a apropriação da leitura e da escrita de forma significativa para que assim os alunos não tenham dificuldades de realizar as práticas sociais de leitura e escrita, visto que ensinar a escrever textos torna-se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros.

Nas escolas é necessário ter oportunidades de vivenciar situações que envolvam a escrita e a leitura e que possam se inserir em um mundo letrado. Nesse sentido, o letramento colabora para o desenvolvimento pleno do educando, logo cabe aqui concordar com Possenti (2012, p.47) quando diz *“não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas.”* (grifo do autor)

Portanto só se aprende a ler, lendo, só se aprende a escrever, escrevendo, vivendo experiências positivas de leitura e de escrita, com as quais o aluno tem a possibilidade de compreender de fato o que lê e o que escreve. Ler e escrever são trabalhos essenciais no processo de aprendizagem e o papel desempenhado pelo professor, nesse caso, é o de proporcionar o contato com diferentes gêneros textuais.

Quanto à ação docente, a relação entre a teoria e a prática educacional é sem dúvida, um dos problemas que o professor recém-saído da universidade tem enfrentado amiúde. Podemos nos referir ao fato de que os próprios cursos de formação, no caso, os da área de língua portuguesa, não têm atuado no sentido de que os avanços na pesquisa em língua materna sejam aplicados junto com as práticas de ensino e aprendizagem, pois não proporcionam situações concretas para que o docente consiga interagir aliando os conceitos teóricos estudados durante sua

formação acadêmica com atividades práticas para a aplicação do conhecimento adquirido.

Logo, muitos professores mantêm a crença que ensinar a língua portuguesa é essencialmente ensinar gramática e suas classificações e, nas escolas, o ensino segue totalmente desvinculado, descontextualizado, distante das verdadeiras necessidades dos alunos. Já existem os que deixaram de acreditar em tal prática, no entanto são vários os empecilhos enfrentados ao longo do caminho, seja no aspecto estrutural ou mesmo por não saberem como modificar seus métodos em sala de aula.

É na escola onde o aluno deve ter a oportunidade de vivenciar diferentes práticas de leitura e escrita e apropriar-se de gêneros discursivos variados e desenvolvê-los, por isso a ação pedagógica é imprescindível e deve estar comprometida efetivamente com a produtividade que contemple de maneira articulada as experiências com as práticas da sala de aula. É preciso, por conseguinte, abandonar as práticas de ensino tradicionais, centradas na transmissão/recepção de conhecimentos, em favor de uma sala de aula, como assinala Geraldi (2002, p.21), “lugar de interação verbal, de diálogo entre sujeitos portadores de diferentes saberes”.



## 2LEITURA, ESCRITA E LETRAMENTO

A escrita se constituiu um fator de interação entre os sujeitos, enquanto a leitura é uma forma eficaz de entendimento do mundo. A escrita integra o nosso cotidiano de forma tão familiar que seu uso passa despercebido para os grupos letrados, uma atividade rotineira como fazer uma lista de compras para ir ao supermercado, por exemplo, que pode ser mais uma forma de se comunicar e de agir sobre o meio social, para outros pode se tornar um verdadeiro obstáculo.

A leitura representa um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, que se estendem desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos (Soares, 2012, p.68). Em todas as formas de leitura, nosso conhecimento já adquirido em leituras anteriores é fundamental, para que haja uma melhor compreensão e ampliação dos respectivos conhecimentos. A leitura não se esgota no momento em que se lê, ela se espalha por todo o processo de compreensão que antecede o texto; produzindo efeitos na vida e no convívio com outras pessoas. Conforme Lerner (2008, p.73):

Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita.

Significa dizer que não é suficiente apenas aprender a ler e a escrever. Nesse contexto, a alfabetização torna-se condição mínima para responder adequadamente às demandas da sociedade. Sendo práticas complementares, leitura e escrita estão fortemente relacionadas e requerem do aluno competências específicas para que ele possa se apropriar do conteúdo lido de forma a significá-lo no seu dia a dia. Ainda segundo Soares (2012, p.47):

O ideal seria *alfabetizar letrando*, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, *alfabetizado e letrado* (grifos da autora)

Aprender a ler e a escrever implica não apenas o conhecimento das letras e do modo de decodificá-las, mas a possibilidade de usar esse conhecimento em benefício de formas de expressão e comunicação, possíveis, reconhecidas, necessárias e legítimas em um determinado contexto cultural. Devemos trabalhar em prol da fusão das práticas de leitura e escrita dentro do ambiente escolar, favorecendo ao aluno alfabetizar-se e também letrar-se. Pois, como enfatiza Lerner (2002, p.18):

O necessário é preservar na escola o sentido que a leitura e a escrita têm como práticas sociais, para conseguir que os seus alunos se apropriem delas possibilitando que se incorporem à comunidade de leitores e escritores, a fim de que consigam ser cidadãos da cultura escrita.

A leitura ajuda a criar familiaridade com a escrita. Geraldi (2006, p.106) entende a leitura como um processo de interlocução em que o aluno não é um leitor passivo, mas o agente que busca significações. E nesse processo a posição do professor deve ser de um interlocutor presente.

E para conceituar essa nova prática surgiu o termo letramento que é, pois, o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. Segundo Kleiman (2012, p.19), significa “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Para Soares (2012, p. 17) o nível de letramento está fundamentalmente ligado com as condições sociais, culturais e econômicas da população. Letrado, então, não é mais “só aquele que é versado em letras ou literaturas”, e sim “aquele que, além de dominar a leitura e a escrita, faz uso competente e frequente de ambas”.

Quando a escola dá valor às práticas de letramento, permite ao sujeito uma atuação mais autônoma diante do mundo. O domínio da linguagem não é somente aprender as palavras, mas apropriar-se de seus significados culturais e a partir deles entender como a sociedade compreende e interpreta a realidade. Como colocado por Soares (2012,p.46):

Esse novo fenômeno só ganha visibilidade depois que é minimamente resolvido o problema do analfabetismo e que o desenvolvimento social, cultural, econômico e político traz novas, intensas e variadas práticas de leitura e de escrita, fazendo emergirem novas necessidades, além de novas alternativas de lazer. Aflorando o novo fenômeno, foi preciso dar um nome a ele: quando uma nova palavra surge na língua, é que um novo fenômeno surgiu e teve de ser nomeado. Por isso, e para nomear esse novo fenômeno, surgiu a palavra letramento.

Ainda, segundo Soares(2012, p. 107), o letramento consiste de um grande número de diferentes habilidades, aplicadas a um vasto conjunto de materiais de leitura e gêneros de escrita, e refere-se a uma variedade de usos da leitura e da escrita, praticadas em contextos sociais diferentes.

Letramento é muito mais que simplesmente decifrar códigos, ele é um estado, uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e escrita desempenham na nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e escrita.

Por isso é indispensável criarmos “condições para o letramento”, onde haja escolarização real e efetiva da população, pois apenas decodificar palavras já não é satisfatório para capacitar os indivíduos. Neste processo o educador deve estar capacitado e atualizado para responder a estas transformações. Pertence a ele, fundamentalmente, induzir os alunos a um processo ainda mais profundo nas práticas sociais que envolvem o ler e o escrever.

A instituição escolar deve distinguir e apreciar as práticas letradas que já fazem parte do cotidiano dos alunos, possibilitando o trabalho com gêneros discursivos que tenham significado para esses sujeitos. Para que as práticas de letramento sejam bem sucedidas, é preciso entender que família e comunidade e escolas são espaços de constituição e ressignificação de valores culturais e sociais, logo devem viver o processo da mesma forma, mediante variadas interações.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.29), o objetivo central do ensino é que o aluno aprenda a ler, a interpretar textos e a produzir com competência discursiva. À medida que o aluno seja capaz de dominar novos textos escritos, o aprendizado do ler e escrever vão sendo construídos de

forma contínua. Desse modo, tornam-se leitores de textos cada vez mais complexos e, assim, enriquecem novas habilidades e novos conhecimentos.

A escola exerce um papel fundamental no processo de ensino aprendizagem de leitura e de escrita, mas tão importante quanto é a influência da família nas práticas de letramento. O desenvolvimento e o crescimento do aluno em relação à leitura irão depender primordialmente do fácil acesso ou não aos materiais de leitura e aí estão incluídos não somente o uso de livros didáticos e paradidáticos, mas também a leitura de materiais de uso cotidiano.

### 3ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para contemplar os objetivos deste estudo, foi necessário buscar um caminho metodológico que proporcionasse a possibilidade de conhecer não só as falas de professores e familiares dos alunos, mas também observar onde as falas e discursos se inserem e como eles vão se articulando com o contexto social dos sujeitos da pesquisa.

A pesquisa nasce quando surge uma inquietação, um questionamento provocado pela curiosidade de compreender como acontece determinado processo. Fazenda (1991) refere-se à pesquisa como uma atividade de investigação capaz de oferecer e, portanto, produzir um conhecimento “novo” a respeito de uma área ou um fenômeno, sistematizando-o em relação ao que já se sabe a respeito dele. A motivação e o interesse em esclarecer este questionamento são baseados na busca de respostas e na procura por resultados que só acontecem essencialmente por meio da pesquisa organizada e minuciosamente elaborada.

Sendo assim pretende-se investigar fatores que interferem no pleno desenvolvimento das práticas de leitura e escrita dos alunos do ensino fundamental, principalmente dos anos finais, dentro de um contexto que não está voltado para as práticas de letramento e especificamente, de que forma o ambiente familiar e o escolar influenciam no sucesso ou fracasso da aprendizagem.

De caráter qualitativo, a pesquisa realizada busca novas metodologias e/ou práticas de ensino, visando à melhoria da prática docente na escola. Tal procedimento só será possível mediante a ação conjunta de todos os envolvidos. É o que reafirma Fazenda (1991,p.101):

A compreensão de um fenômeno só é possível com relação à totalidade a qual pertence (horizonte da compreensão). Não há compreensão de um fenômeno isolado; uma palavra só pode ser compreendida dentro de um contexto. Um elemento é compreendido pelo sistema ao qual se integra e, reciprocamente, uma totalidade só é compreendida em função dos elementos que a integram.

Deste modo a pesquisa será contemplada por métodos que permitam o estudo do fenômeno estudado por meio de instrumentos utilizados para verificar o

objeto de estudo deste trabalho e devem não só analisar a questão da dificuldade em ler e escrever de modo eficiente, mas também devem servir para analisar como os sujeitos professor, família e aluno interferem no processo de leitura, escrita e letramento e como isso repercute dentro da sala de aula.

### 3.1 *Lócus* da pesquisa

A escola pesquisada é o Centro de Ensino Fundamental 405, situado no Recanto das Emas, cidade do Distrito Federal. É uma escola pública integrada à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, que fica a 25 km do centro da Capital, Brasília. O diretor, Cloves Fonseca Coelho, foi eleito pela comunidade.

Sua estrutura física é composta de 15 salas de aula, sendo 1 sala para a Direção; 1 sala para a Secretaria; 1 sala com copa para os professores e 1 laboratório de informática. Funciona durante os três turnos: matutino e vespertino com ensino fundamental II (6º ao 9º ano), somando 1.100 alunos e noturno com Educação de Jovens e Adulto (EJA)), perfazendo um total de 600 alunos neste turno.

A escola possui alguns problemas, como espaço físico insuficiente (espaço pequeno), tamanho de salas de aula irregulares, umas sendo muito pequenas e outras muito grandes.

### 3.2 Sujeitos da pesquisa

Os principais sujeitos desta pesquisa foram uma turma de 6º ano do turno vespertino, a professora de Língua Portuguesa desta turma e os pais/responsáveis dos alunos.

O professor é o responsável no processo educativo para o estímulo e concretização de uma aprendizagem prazerosa e significativa que desenvolva um aluno capaz, atuante, autônomo, crítico e competente no meio social em que vive e o professor de língua portuguesa ainda é identificado como sendo o principal

responsável e o único agente a estimular em seus alunos o interesse pela leitura e proporcionar situações para o desenvolvimento de produções escritas.

A família é parte na investigação e levantamento dos dados, pois é notória a relevância de sua participação no processo de ensino aprendizagem do aluno. A respeito do desenvolvimento das habilidades e competências em leitura e escrita, a influência dos pais ou responsáveis pela criança ou adolescente é fato indiscutível principalmente quando estamos avaliando as práticas de letramento realizadas tanto no meio escolar quanto familiar.

O aluno é marcado pelas dificuldades trazidas e adquiridas durante o processo de ensino e, por meio de suas respostas, será capaz de trazer conteúdos significativos para a compreensão do tema em questão e poderão esclarecer melhor quais são e como surgem os problemas em leitura e escrita.

Para a realização desta pesquisa e para a obtenção dos resultados que pretendemos alcançar, foi utilizado o procedimento denominado entrevista semiestruturada, instrumento aplicado à professora de Língua Portuguesa e ao(s) responsável(eis) pelo discente.

### 3.3 Entrevista Semiestruturada

A escolha pelo instrumento foi feita devido ao entendimento de que este recurso nos possibilita e proporciona uma série de informações relevantes e eficazes a que pretendemos investigar por estarmos em contato direto com o objeto a ser pesquisado, o que outros instrumentos de coleta de dados talvez não viabilizassem.

O questionário tem a função de coletar dados de maneira informal, de um indivíduo ou grupo sobre um determinado fato, situação ou fenômeno. É uma ferramenta que reúne uma série de perguntas, abertas ou fechadas, destinadas aos sujeitos de pesquisa.

Embora trabalhoso quanto à análise e à interpretação dos dados colhidos, é um dos mais ricos expedientes utilizados para a aquisição de informações a que se pretende descobrir. Ludke e André (1986, p.33) assim se referem ao instrumento de coleta de dados:

Ao lado da observação, a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, esta é uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais. Mais do que outros instrumentos de pesquisa, que em geral estabelecem uma relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado, como na observação unidirecional, por exemplo, ou na aplicação de questionário ou de técnicas projetivas, na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde.

Desse modo serão aplicados, tanto à professora como às famílias dos alunos da turma analisada na pesquisa, os questionários acerca das práticas de letramento. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p.184):

[...] é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Desta forma o questionário se configura como uma técnica com vistas a ajudar na obtenção de dados não contemplados pela entrevista.



## 4A ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão apresentados os caminhos percorridos e o instrumento utilizado na coleta dos dados, junto às informações levantadas e os sujeitos analisados. Os resultados indicarão como as práticas de letramento acontecem tanto no ambiente educacional quanto no meio familiar do aluno; também possibilitará identificar como são desenvolvidas e interferem no trabalho do professor de Língua Portuguesa, tornando possível analisar o papel dos sujeitos professor-aluno-família no processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita.

### 4.1 Os sujeitos da pesquisa e o contexto

A pesquisa teve como grupo selecionado uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal, situada na Cidade Satélite do Recanto das Emas que fica a 25,8 km do Plano Piloto.

Neste contexto, participaram também uma professora de Língua Portuguesa e os pais e/ou responsáveis dos alunos da turma. Essa delimitação foi estabelecida com a finalidade de distinguir relações que envolvem as práticas de letramento neste momento da vida escolar considerando que nesta etapa os pais estão normalmente mais próximos da vida e do cotidiano escolar dos filhos.

Para entender o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem na escola é importante conhecer o seu histórico. Consequentemente, a finalidade maior será compreender como ocorre a aprendizagem da leitura e da escrita dentro da escola, concomitante à influência da família, tendo como base os pressupostos teóricos sobre leitura, escrita e letramento.

O Centro de Ensino Fundamental 405 foi criado pela Resolução n. 6.209/março de 1998 CD-FEDF, para oferecer o Ensino Fundamental. Iniciou suas atividades em 1º de abril de 1998. A comunidade se formou pelas famílias que imigraram de outros Estados em busca de uma vida melhor. O Recanto das Emas, uma periferia do Distrito Federal, é formada por 59 quadras residenciais, contando

hoje com 100% de rede de esgoto, 100% de água potável, 95% de iluminação e cerca de 99% de asfalto e drenagem pluvial. Inicialmente era uma grande construção em meio a vários barracos de madeira de uma invasão de terra.

Hoje, boa parcela da comunidade tem um poder aquisitivo melhor (80% dos pais têm trabalho fixo ou autônomo), mas ainda há muitos alunos que enfrentam dificuldades financeiras e muitos também não têm uma família estruturada e outros dependem financeira e exclusivamente da ajuda do Governo.

A escola foi criada devido à necessidade de atendimento às crianças da invasão e inicialmente atendia as séries iniciais e finais e Ensino de Jovens e Adultos, no turno noturno. Somente a partir de 2008 passou a atender apenas as séries finais e Ensino de jovens e adultos/ Terceiro Segmento (noturno) do ensino fundamental.

Ressaltamos a participação voluntária da turma, da professora e das famílias, a partir de comunicação feita por meio de carta a todos os envolvidos antecipadamente em cada etapa, cujos nomes não serão mencionados nesta análise.

No caso da professora, foi feito um primeiro contato por meio de conversa informal e posteriormente uma carta via e-mail, na qual havia informações relativas à pesquisa que seria desenvolvida e um convite para dela participar. Junto à carta, foi entregue também um questionário com questões fechadas e abertas. Um termo de consentimento acompanhou o questionário autorizando o uso das respostas em atividades de análise e divulgação dos resultados.

No caso dos pais ou responsáveis, foi enviada uma carta com informações relativas à pesquisa desenvolvida e um questionário que somente foi respondido e devolvido caso os pais ou responsáveis tivessem interesse em participar da pesquisa.

O questionário teve o cunho exploratório, visando sondar os sujeitos tanto às próprias práticas de leitura e escrita quanto ao acompanhamento dos filhos não só no uso destas habilidades nas atividades escolares comuns, mas também quando utilizadas no dia a dia. Os pais ou responsáveis poderiam concordar ou não com a participação na pesquisa, pois acompanhando o questionário estava um

termo de consentimento para o uso das respostas em atividades de análise e divulgação dos resultados.

#### 4.2 Análise dos dados

Para prosseguir na coleta de dados a fim de obter a amostragem da pesquisa, foram feitos e aplicados questionários à professora regente de Língua Portuguesa e às famílias dos alunos da turma de 6º ano selecionada.

Quando questionada sobre há quanto tempo atua em sala de aula, a professora de língua portuguesa respondeu que tem pouca experiência com o ensino, pois leciona há apenas três anos. Na opinião da professora o que leva os alunos a terem dificuldades em leitura e em escrita são os problemas sucedidos desde a educação infantil e relacionados à alfabetização, assim como a falta de costume de leitura e escrita.

Também notamos que as atividades de leitura e produção de texto são até contempladas durante as aulas, contudo não fogem da metodologia tradicional e do uso do livro didático como suporte metodológico. Para ela, quando a família participa da vida escolar do aluno, há uma grande melhora no desenvolvimento escolar.

A leitura ocupa lugar em aulas destinadas para a leitura de textos do próprio livro didático, ou seja, não há espaço para textos retirados de situações do cotidiano dos alunos. Para isso a professora usa o seguinte procedimento: a leitura é realizada em silêncio e, logo após, é feita em voz alta com aqueles que querem participar, com cada um lendo um parágrafo. Mesmo assim, alguns alunos apresentam muita dificuldade em leitura e interpretação. As atividades e os materiais didáticos utilizados em sala de aula são os textos e os exercícios de interpretação do próprio livro didático, mas procura retirar alguns textos da internet.

Existe, nesta fala, a manutenção da metodologia tradicional, apoiada pelo uso do livro didático, sem considerar atividades cujos métodos seriam eficazes na construção e desenvolvimento da leitura e da escrita, textos contemporâneos mais relevantes e mais interessantes para os alunos, relacionados à vida deles, pois sendo oriundos de uma comunidade de periferia, devem presenciar constantemente

todos os tipos de situações e de problemas estruturais e sociais referentes a esta região.

Sobre o uso do livro didático, Kleiman(1992, *apud* Matencio, 1994, p. 91) ressalta a função central deste acumulado ao longo dos últimos anos, a orientar a estrutura e os procedimentos pedagógicos, reduzindo o papel do professor ao de mero intermediário entre o autor do livro e os alunos. Nesse caso, o que determina o ensino é o uso que o professor faz do material. Com isso as possibilidades para o trabalho realizado em sala de aula são restringidas e o professor é quase um repetidor do que está no livro. O uso do material didático, nesse caso, é redutivo do contexto que se constrói para a aprendizagem.

A professora procura trabalhar com produção de texto utilizando as propostas retiradas do livro didático. Para ela, como os textos e a proposta versam sobre um mesmo tema, facilita o entendimento dos alunos. A atividade começa com a leitura e a interpretação do texto e, após, passa para a proposta de redação, envolvendo o mesmo tema (ou a mesma tipologia) do texto interpretado.

No entanto, é notória a preocupação da professora em rever as produções textuais feitas pelos alunos a fim de orientá-los e corrigir possíveis dificuldades na escrita. Os alunos produzem a redação, posteriormente corrigida e reescrita por eles, observados os apontamentos destacados pela professora na 1ª versão da redação.

Percebemos, no discurso da professora, a ideia intrínseca de que as aulas de língua portuguesa devem continuar presas ao método leitura, interpretação e gramática como coisas separadas. Quanto à produção de texto, é um exercício a parte, condicionado a temas de certa forma vinculados ao texto lido anteriormente.

Perguntada sobre o grau de envolvimento dos alunos, a professora observa que durante as atividades a maioria se interessa pela leitura, entretanto a escrita já é realizada com mais ânimo, principalmente, pelos que têm mais facilidade/intimidade com o entendimento dos textos.

A professora, em relação ao planejamento das aulas, gostaria de propor práticas de leitura e escrita considerando o contexto social e cultural no qual o aluno está inserido e esclarece até seria admissível, no entanto confessa que, apesar disso, não procura propor atividades nas quais o aluno busque a ajuda da família.

Ela percebe, no entanto, diferenças no rendimento do aluno cuja participação da família na escola é maior.

Ela diz que os pais de seus alunos de um modo geral são omissos quanto à educação dos filhos, não estão dispostos nem procuram saber como está o filho na escola, a não ser em reuniões bimestrais. Na verdade, a professora acredita que os pais não têm participação efetiva na escola porque possuem pouco tempo para estar com os filhos ou pouca instrução para orientá-los. Mas admite ser importante conhecer a realidade familiar do aluno, porque esta interfere diretamente na vida escolar dele e procura ter um olhar individualizado para o estudante cuja situação familiar é diferenciada.

Para a professora, o entendimento é que os alunos não têm o hábito de ler no ambiente familiar, pois não são acompanhados pelos pais que precisam trabalhar ou cuidar de outros afazeres, por isso eles fazem constantemente a busca por televisão e, principalmente, o uso das redes sociais por meio do computador e do celular. A professora não comentou em nenhum instante sobre a utilização de sequências didáticas em suas aulas nem sobre este tipo de atividade.

Às vezes, a professora costuma levar em conta em sua ação pedagógica às práticas de leitura e escrita dos estudantes feitas em casa, citando como exemplo uma atividade feita no ano anterior, quando propôs aos alunos a confecção de cartões de Natal para o fim do ano. Ela achou muito interessante o fato de os alunos os destinarem às mães, mesmo podendo escolher livremente o destinatário.

Imprescindível ao professor estar ciente de seu papel na aprendizagem e trabalhar sobre isso. Para tanto, faz-se necessário uma prática diferenciada, composta por uma diversidade de textos na qual os alunos possam ser inseridos, para permitir o exercício da leitura e da escrita.

Como mediador, o professor deverá fazer seu aluno entender a leitura como uma atividade importante no contexto escolar e também constante na vida fora da escola. O professor de Língua Portuguesa deve recuperar na escola e trazer para dentro dela o que se excluiu, ou seja, o prazer em ler e escrever, o que para Geraldi (2002,p.32) “parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de incentivar a leitura.”

Sabemos que construir o conhecimento dos alunos é uma forma de se ter uma boa prática pedagógica, por isso quanto mais o aluno for exposto a todo o tipo

de texto, oportunizaremos um confronto de ideias e conceitos, privilegiando a sua compreensão. Sendo assim, as diferentes estruturas textuais e tipos de discurso serão extremamente relevantes para o desenvolvimento da autonomia, reflexão e criticidade a serem desenvolvidas.

A função do docente no âmbito escolar, hoje, não deve estar centrada em levar o conteúdo pronto para o aluno, mas, sim, fazer com que ele o produza. O papel mais importante do professor é expandir os conteúdos para a vida social do aluno. Como proposto de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.54)

um: [...] leitor competente só pode construir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.

Por isso a escola deve desenvolver exercícios que propiciem aos estudantes progresso em relação ao desenvolvimento de habilidades leitoras ao longo da educação básica. Conforme Bortoni (2012, p.53):

[...] é preciso que as escolas [...] considerem que um trabalho eficiente com leitura requer que sejam exploradas habilidades e competências em determinados níveis, de forma que, conforme o aluno progride na educação básica, essas habilidades e competências possam tornar-se mais complexas.

Nesse aspecto, a prática pedagógica do professor é fundamental e apresenta um papel importante no processo de ensino-aprendizagem. Para tanto o professor deve sempre avaliar e fazer observações sobre o tipo de didática aplicada, verificando as contribuições para o aprendizado do aluno. Sobre essa mesma questão, os PCN (1997, p.38) abordam:

A questão não é apenas qual informação deve ser fornecida, mas principalmente, que tipo de tratamento deve ser dado à informação que se oferece. A questão é então de natureza didática. Nesse sentido a intervenção pedagógica do professor tem valor decisivo no processo de aprendizagem e, por isso, é preciso avaliar sistematicamente se ela esta

adequada, se esta contribuindo para as aprendizagens que se espera alcançar.

As concepções e práticas pedagógicas dos professores são ações relevantes no processo de letramento. Estes são agentes transformadores do processo de conhecimento prévio dos alunos, visto que, através do contexto social, pode-se, portanto, avaliar o impacto da escrita na vida social e cultural dos educando.

Do mesmo modo, é preciso considerar a existência de diferentes níveis de letramento. Se o letramento tem relação com a capacidade de apropriar-se da leitura e da escrita nas práticas sociais, na verdade, as pessoas, em função das relações sociais e do modo de vida, participarão da sociedade e utilizarão o conhecimento escrito de diversas formas.

Para atingir a compreensão de um texto, o leitor depende do conhecimento sobre um tema específico e da familiaridade com determinado gênero. Entretanto, isso não é suficiente para chegar ao texto. É necessário também captar os seus significados. Para tanto, o leitor deve relacionar o que traz de conhecimento prévio com a informação textual.

No espaço de sala de aula, onde as experiências de leitura deveriam se aprofundar, as atividades desconsideram os diversos tipos de textos existentes fora da escola, que são verdadeiros e carregados de significados, e por isso muitas vezes os alunos se veem perdidos dentro do contexto escolar, pois a escola não fala a mesma língua que a sua e as atividades propostas, por não apresentarem clareza em suas instruções, fazem com que eles se sintam impotentes, inibindo sua participação em sala de aula ou mesmo levando-os ao desinteresse e à desistência.

Ao se trabalharem metodologias diferenciadas, haverá maior possibilidade de o professor atrair a atenção do aluno e envolvê-lo com a leitura, e, por consequência, tornar melhor a relação texto-leitor. O ensino da leitura e da escrita ficaria mais enriquecido com a utilização dos gêneros textuais, em que podem ser utilizados jornais, revistas em quadrinhos, livros de versos, rótulos de latas, caixas, garrafas e até mesmo bulas de remédios.

Tomar a leitura e a produção textual em uma perspectiva crítica e prazerosa é o objetivo principal do educador. Para atrair o prazer da leitura e da escrita, é preciso fazer com que o aluno esteja integrado ao texto, para haver um diálogo coerente entre autor e leitor. Por outro lado, dificilmente o professor que não lê e que não produz texto irá levar seus alunos a tal prática.

É fundamental ao docente buscar continuamente ampliação e atualização de conhecimentos. Não só os educadores, mas os educandos também devem fazer parte desta evolução, todavia cabe a cada um ser o principal responsável por sua transformação. À escola cabe o papel de envolver toda a comunidade escolar nesse processo de formação, tendo como base apoiar o aprendiz no desenvolvimento da prática da leitura e da produção de textos.

A língua deve entrar na escola por meio de práticas sociais de leitura ou escrita, pois a perspectiva deve ser a de formar alunos capazes de produzir e interpretar textos de cunho social e de trânsito livre nas várias situações comunicativas nas quais se permitam plena participação no mundo letrado.

O professor deve trabalhar desde cedo com a leitura reflexiva, levando textos que interessem aos alunos, de modo a propor atividades ligadas ao cotidiano deles. Para isso acontecer é necessário compartilhar a variedade e propósitos que a leitura e a escrita possuem: ler por prazer, se divertir, buscar informações, partilhar emoções com outras pessoas, recontar histórias, fazer recomendações de livros; escrever para expressar ideias, organizar pensamentos, aprender mais e se comunicar com pessoas distantes.

É preciso planejar situações didáticas em que a leitura e a escrita façam parte da vida de cada aluno e possam colocar-se na posição de leitor e escritor para adquirir o hábito de ler e escrever sentindo prazer naquilo que faz. Desenvolver habilidades de leitura requer que sejam estabelecidas relações diferenciadas com o texto escrito, abrangendo processos de identificação de informações específicas, de compreensão, de interpretação e de reflexão.

Em relação aos pais e/ou responsáveis foram entregues questionários para toda a turma para que levassem e entregassem aos pais. Do total de 24 alunos, apenas 06 entregaram os questionários respondidos sendo que 03



entregaram em branco e o restante não devolveu ou não estavam presentes no dia da entrega.

Quando perguntados sobre a escolaridade, a maioria das respostas demonstrou que grande parte dos pais não foram além do ensino fundamental, não ultrapassando a 5ª série (atualmente, 6º ano) e apenas um pai tem ensino médio completo. Não há entre eles ninguém com curso superior. Provavelmente isto já é reflexo do próprio histórico familiar, pois quando questionados sobre a escolaridade de seus pais, estes também não chegaram a concluir nem mesmo a 5ª série (6º ano), alguns têm apenas a 4ª série do ensino básico (equivalente, hoje, ao 5º ano)

Referente ao hábito de leitura em casa, a maioria das respostas obtidas foi afirmativa, apenas um pai respondeu de forma negativa. Jornais e revistas constam como material de leitura habitual dos pais.

Quanto à opinião sobre qual o benefício que a escola pode trazer a maioria das respostas traz a ideia subjacente de que terão mais estudo, um futuro melhor, que aprenderão mais e responderam que acompanham o filho indo às reuniões da escola, acompanhando notas e tarefas. De um modo geral os pais não percebem se o filho apresenta dificuldades em ler e escrever.

Todos foram unânimes em dizer que incentivam o hábito de ler em casa e realmente veem os filhos lendo, contudo não souberam informar qual o tipo de material eles costumam ler nem como incentivam os filhos a ler. Sobre a participação dos filhos na elaboração escrita em casa como as listas de compras, por exemplo, a maioria também respondeu existir e de alguma forma, os filhos participam, porém não conseguiram especificar como.

Observa-se, nas respostas dadas, certa preocupação dos pais em acompanhar o processo de educação escolar dos filhos, mas também percebemos a falta de conhecimento real daquilo que os filhos estão lendo e se realmente estão lendo, pois citam apenas que eles leem, mas não sabem ao certo. Sobre o material disponível em casa, citam o uso do livro didático como fonte de leitura, mais os gibis e as enciclopédias.

Portanto, os livros citados, em sua maioria, são de uso pedagógico, isto demonstra a apropriação pelos pais de uma concepção de leitura ligada apenas aos

propósitos veiculados pela escola. Percebemos a preocupação com o desempenho escolar. Isto, na verdade, mais restringe que amplia as possibilidades de leitura dos filhos, pois a família busca adequar às práticas de leitura em casa com as práticas escolares.

A importância atribuída por essas famílias à escola é unânime. Notamos, além da presença de algumas respostas desconexas, os pais colocaram apenas “sim” ou “não”, até mesmo deixaram de responder algumas questões. Embora grande parte das respostas seja positiva quanto ao acompanhamento e desenvolvimento da leitura em casa, não é colocada pelos pais a forma como participam efetivamente no processo de desenvolvimento da escrita e principalmente da leitura.

Notamos pelas respostas que os pais possuem um conceito muito básico de leitura, voltado para a concepção escolar, pois em nenhum momento citaram possuir em casa outros materiais como, por exemplo, livros de literatura. Mesmo dizendo textualmente acompanharem os hábitos de leitura dos filhos, as famílias não citam nos questionários respondidos quais seriam as práticas de letramento envolvidas em casa e também não atentaram se haveria a leitura de textos por meios eletrônicos ou de multimídia.

Em relação aos pais, a tarefa de ensinar e praticar a leitura não compete apenas à escola, pois o aluno aprende também através da família, dos amigos, das pessoas que ele considera significativas no seu cotidiano. A família, engajada no processo, não poderá deixar de fazer a sua parte, tão importante quanto à da escola. Estes filhos, por meio do incentivo dos pais, também podem e devem aprender a valorizar a leitura e a mesma deve fazer parte da sua vida cotidiana.

É preciso tanto a escola quanto a família proporcionar condições em que a leitura e a escrita tenham uma função e tornem-se uma necessidade e um prazer, disponibilizando um ambiente de letramento como, por exemplo, material disponível de leitura, em que as pessoas tenham amplo acesso a bibliotecas, a livros, a revistas e jornais entre outros.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida desta pesquisa foi o questionamento sobre as dificuldades em leitura e escrita apresentadas pelos alunos dos anos finais do ensino fundamental diante do contexto estudado. A escolha do tema deu-se, conseqüentemente, pela experiência e pelos questionamentos gerados durante a prática docente. Além do mais, esse estudo procurou saber se o professor percebe as práticas de letramento trazidas de casa pelos alunos e como isto poderia interferir no ambiente escolar.

Realizar esta análise foi muito importante para pensarmos acerca do papel das práticas de leitura e escrita dentro da sala de aula. Pôde-se refletir, também, sobre a importância da sistemática destas atividades na escola.

Termos despertado para o fenômeno do letramento significa que já compreendemos que nosso problema não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é, também, sobretudo, levar os indivíduos a fazer uso da leitura e da escrita e envolver-se em práticas sociais de leitura e escrita.

Dessa forma, concordamos com Bortoni-Ricardo, Castanheira e Machado (2012,p.52) quando afirmam que: “Ser letrado implica fazer uso competente e frequente da leitura e da escrita no dia a dia. Para tornar-se letrado, é preciso envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita, ou seja, fazer uso dessas habilidades”

Constatamos, assim, que ler e escrever requer esforço e dedicação do aluno e também a orientação e a mediação segura do professor. Para se construir compreensão do ato de ler e escrever cabe, pois, avaliar o papel do aluno na construção da leitura e da escrita e sua percepção do processo, bem como o papel do professor e sua percepção no desenvolvimento da habilidade de escrever e ler no processo de produção textual na escola.

A relação de cada aluno, no processo da leitura e escrita, será, sem dúvida, diferente. É importante para a escola saber reconhecer a realidade do aluno, levando em consideração a sua produção textual por meio da visão de mundo que

traz consigo e não somente estimular os professores a incorporarem essas práticas no cotidiano como aproximá-los de diversas maneiras de atividades de leitura.

Todos estes aspectos se mostraram relevantes nas situações descritas no trabalho e apontam caminhos a serem considerados. Assim, neste trabalho, é possível perceber alguns fatores que podem tornar as atividades de leitura mais atraentes e também produtivas para os alunos e para os professores. As atividades de leitura e escrita devem proporcionar autonomia e prazer aos alunos para que possam se sentir capazes e estimuladas a prosseguir nos caminhos da leitura.

Desse modo, entendemos que a função exercida pela leitura e pela escrita desenvolvem tanto o individual quanto o social definem que os indivíduos se estabeleçam como seres humanos iguais e, ao mesmo tempo, diferentes de todos os outros, que por seus atos e pensamentos modificam suas realidades.

O papel da família é de suma importância para o desenvolvimento do aluno, pois é neste contexto que ele deve ter o primeiro contato com a leitura e com a escrita. Ou seja, o sucesso ou o fracasso na educação depende, cada vez mais, da interação entre a escola e a família. Logo, é importante que exista comunicação entre ambos. Com a presença do diálogo, é possível respeitar e acolher os saberes dos pais e ajudarem-se mutuamente.

Para que os alunos sejam bons escritores e criem o hábito de ler, é necessário mais que a gramática, é preciso o contato permanente com revistas, livros, jornais, práticas constantes de letramento, para que, a partir desse estímulo, possam tornar-se cidadãos críticos e reflexivos tanto na escola quanto na família e sociedade.

O professor precisa, em primeiro lugar, estar preparado para ser capaz de letrar seus alunos, conhecer o processo de letramento, reconhecer as características e peculiaridades dos gêneros de escrita próprios de sua área de conhecimento. Para isso, os cursos de formação de professores deveriam centrar seus esforços na formação de bons leitores e bons produtores de textos e na formação de indivíduos capazes de formar bons leitores e bons produtores de textos.

Destacamos aqui que, embora a escola muitas vezes ainda minimize certas práticas de letramento, ela é um veículo de fundamental importância para a propagação do letramento, e o professor, como agente do letramento, deve articular

novas ações, mobilizando o aluno para fazer o que é socialmente relevante, que vale a pena realmente ser aprendido. Isso requer dos professores base teórica consistente, formação, disposição de trabalhar de maneira versátil e sistemática.

A partir de algumas ponderações sobre as questões e as respostas encontradas, algumas medidas puderam ser apontadas e esperamos que sejam colocadas em prática:

- Em relação aos professores, a tarefa consiste em criar e apresentar situações que permitam valorizar as práticas sociais de uso da leitura e da escrita;
- É preciso criar uma rotina de atividades variadas e estimulantes para colocar os alunos em contato com diferentes textos;
- Criar eventos em que as práticas e eventos de letramento vividos nas casas dos alunos e na comunidade possam ser socializados;
- Capacitar e incentivar os professores a usarem sua percepção acerca das histórias de vida dos alunos nas atividades pedagógicas; e
- Utilizar recursos atraentes, atualizados e que despertem o interesse pelo ler e escrever.

Desejamos que este estudo possa contribuir para outras investigações, pois ainda há muito campo para pesquisas na área do letramento e que mais discussões e reflexões aconteçam mediante os resultados aqui delineados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo, Parábola, 2003.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna – letramento, variação & ensino**. 1ª.ed., São Paulo : Parábola, 2002.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; CASTANHEIRA, Salete Flores; MACHADO, Veruska Ribeiro. **A formação do professor como agente letrador**. 1ª ed., São Paulo: Contexto, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. vol. 2, Brasília: 1997.

FAZENDA, Ivani. **Metodologia da Pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1991.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto em sala de aula**. 3ª ed., São Paulo: Ática, 2002.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 2012.

LERNER, Delia. **Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o necessário**, Porto Alegre, Artmed, 2002;

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003

MATENCIO, Maria de lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento**. Campinas, SP. Mercado de Letras, 1994.

POSSENTI, Sírio. **Por que(não) ensinar gramática na escola.** 1ª ed., Campinas : Mercado de Letras, 2012.

SOARES, Magda, **Letramento: um tema em três gêneros.** 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2009

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO À PROFESSORA

Prezado(a) professor(a),

Ao responder a este questionário, você contribuirá para a minha pesquisa e para a monografia de especialização em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais (6º a 9º). Agradeço-lhe pela sua valiosa compreensão e ajuda.

#### Questionário

- 1) Há quanto tempo atua em sala de aula?
- 2) Você tem participado de programas/cursos de Formação Continuada? Cite os últimos ou o último em que você participou?
- 3) Como você caracteriza em termos de letramento a comunidade desta escola?
- 4) Comente como você tem lidado com os desafios de leitura e de escrita no processo ensino aprendizagem.
- 5) Você acha que os pais e/ou responsáveis de seus alunos leem e têm o hábito de leitura no ambiente familiar? Em caso negativo ou positivo, quais são as implicações no grau de envolvimento do aluno com as atividades de leitura e de escrita?
- 6) Você percebe que há diferenças no rendimento do aluno que tem uma participação maior da família na escola?
- 7) Ao planejar suas aulas, você procura propor práticas de leitura e de escrita que considerem o contexto social e cultural em que o aluno está inserido?
- 8) Qual é a importância da participação familiar na vida da escola e na ajuda de resolução de atividades propostas pela escola. A escola e você organizam suas atividades neste sentido? Os pais se interessam em saber o grau de rendimento do aluno na escola?
- 9) Qual é o lugar da leitura e da escrita na sua aula? Em que condições ela é realizada?
- 10) Que atividades, materiais didáticos e teóricos você utiliza em sala de aula para trabalhar a leitura e a escrita?
- 11) Em que momento de suas aulas se considera a leitura e a escrita como favorecedores do letramento a fim de inserir o aluno em contextos sociais?



## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PAIS/RESPONSÁVEIS

Ao responder a este questionário, você contribuirá para a minha pesquisa e para a monografia de especialização em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais (6º a 9º). Agradeço-lhe pela sua valiosa compreensão e ajuda.

1) Grau de parentesco com o(a) aluno(a):

☐ Pai ☐ Mãe

☐ Outro responsável. Qual:

2) Qual a sua escolaridade?

3) Seus pais estudaram? Se a resposta for positiva, até que série?

4) Aprendeu a ler e escrever com qual idade? Acompanhava bem os estudos?

5) Em sua opinião, qual o maior benefício que a escola pode trazer para seu(a) filho(a) e para o(a) Senhor(a)?

6) Percebe se seu(a) filho(a) gosta de estudar, gosta de aprender?

7) Seu(a) filho(a) tem dificuldades para ler e escrever?

9) O seu (sua) filho (a) costuma ler em casa?

10) Como acompanha seu(a) filho(a) na escola? Costuma ir às reuniões na escola? Acompanha quanto a notas, lições, organização do material?

11) O (A) senhor (a) costuma ler em casa ou em outro ambiente? Com que frequência? Que tipo de material costuma ler?

12) O(A) Senhor(a) incentiva o(a) seu filho(a) a ler?

13) Há práticas de escrita em casa como, por exemplo, lista de compras, recados, bilhetes, cartas, jornais, revistas ou material religioso? Seu(a) filho(a) de alguma forma participam dessas práticas de escrita?